**A ESCUTA COMO MÉTODO DE CUIDADO: PARA ALÉM DE UMA RODA DE CONVERSA(1).**

**Jefferson Alves Macêdo(2); Paulo César Guerra(3);**

(1) Iracema, Ceará, jeffersonalves\_22@hotmail.com

(2) Psicólogo, Membro do Conselho Municipal da Criança e do Adolescente

**RESUMO:** Esta pesquisa foi desenvolvida com alunos de duas escolas estaduais do interior da cidade de Iracema, interior do Ceará, durante a campanha do Setembro Amarelo, propondo uma alternativa diferente de como ouvir, conhecer, e informar os discentes das referidas instituições. Tendo autores como Freud e Paulo Freire em seu referencial, será encontrado no desenvolver do escrito as hipóteses do método trabalhado, o desenvolver das atividades e os resultados vivenciados, evidenciando o grande potencial que as rodas de conversa tem como empoderadora do lugar de fala e escuta. Em um momento de grande incidência de machucados autoprovocados, ideações suicidas, e um veto presidencial sobre a inserção do profissional de psicologia e assistência social na educação, é preciso dialogar sobre como manejar a acedência destes eventos, percebendo os estudantes como essenciais para a construção de meios de cuidado. Trata-se de um estudo de base qualitativa, que teve em seu método principal a escuta destes alunos.

**Palavras-chave:** Psíquico. Educação. Associação Livre.

# **INTRODUÇÃO**

O crescimento de eventos relacionados ao sofrimento mental na educação, tem preocupado alunos, professores, familiares, e a comunidade escolar no geral. Tal fenômeno tem sido expresso através de machucados autoprovocados, episódios ansiosos persistentes e tentativas de suicídio. É de conhecimento público que o Projeto de Lei número: 3688/2000, que garantiria a atuação do profissional de Psicologia e Assistência Social a partir de uma perspectiva multiprofissional nas escolas nunca conseguiu ser aprovado, sendo recentemente vetado novamente pelo presidente da república.

 Instituições de Atenção Psicossocial como o Centro de Referência e Assistência Social (CRAS), e o Núcleo de Apoio a Saúde da Família (NASF), que dispõem dos profissionais de psicologia e assistencial social na composição de suas equipes são referência de comunidades específicas, estando consequentemente superlotados pelas demandas da assistência social e da saúde do município, logo, incapazes de abarcar as especificidades da educação de forma longitudinal. A consequência desta realidade, é um ambiente escolar que sofre e não vê onde buscar apoio.

 A partir do pressuposto, durante o Setembro Amarelo no município de Iracema, interior do Ceará, foi formada uma equipe composta por um Psicólogo e um membro do Conselho Municipal da Criança e do Adolescente, que desejavam discutir o tema proposto pelo o Setembro Amarelo de um lugar diferente do que frequentemente os profissionais partem, considerando que a palestra representa um instrumento tradicional de atuação, mas enxergando nela a impossibilidade de ouvir a história subjetiva dos membros envolvidos, o que promove um sentimento de distanciamento entre a equipe de trabalho e o público participante. Existe também a escolha de temas que seriam interessantes a partir da perspectiva da equipe, o que não necessariamente representa os interesses e contempla os questionamentos dos participantes.

De acordo com Setembro (2015), o Setembro Amarelo é uma iniciativa do Centro de Valorização da Vida (CVV), Conselho Federal de Medicina (CFM), e Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP), e tem como propósito desenvolver ações diversas que sinalizem sobre a emergência de se discutir o tema. Dentre os métodos utilizados nesta atuação são citados palestras, caminhadas, panfletagens e iluminação de pontos turísticos. Instrumentos que nem sempre dão conta de contemplar um debate mais íntimo sobre o referido tema.

Freud em 1925 em: Em: O Eu e o Id, “Autobiografia” e Outros Textos, relata a construção da Psicanálise, elucidando quando a mesma torna-se efetivamente ciência, e qual o seu diferencial em relação aos outros métodos existentes. Em seu relato ele fala sobre a utilização por muito tempo da hipnose que demandava do paciente ser profundamente sugestionável, o que fazia do profissional não quem acolhia o processo, mas quem o orientava. Ele estuda tal método por muito tempo, consequentemente se dando conta da incapacidade da hipnose de abarcar o sofrimento do sujeito de forma fidedigna (FREUD, 1925).

O surgimento da Psicanálise ocorre quando Freud após tomar consciência do desgaste e pouca efetividade que havia no método sugestionado, permite ao paciente “entregar-se a livre associação de palavras” (Freud, 1925, p.101), o que quer dizer ouvir o paciente de forma atenta, livre de julgamentos e apto a pontuar e desenvolver o que for necessário naquele discurso. Desta forma este trabalho foi desenvolvido, partindo do pressuposto que o cuidado real em saúde mental acontece através da livre escuta daquele que sofre, e não de um direcionamento por parte daquele que supostamente detêm o saber.

Tendo a palestra, panfletagens e caminhadas como instrumentos secundários, o referido trabalho teve como centro de sua atuação a roda de conversa, onde os alunos participantes eram convidados a discutir o que é Setembro Amarelo a partir de suas próprias perspectivas, quais questões do momento social que estão vivenciado provocam sentimentos de angústia e tristeza, como é ser aluno no nosso contexto social de educação atual, dentro muito outros.

O grande diferencial deste trabalho é que a equipe profissional trazia consigo apenas pautas disparadoras que promovessem aos estudantes conforto e abertura para discutirem na roda, o que pôde evidenciar que cada grupo tinha uma história própria. Como anteriormente citado, o princípio da subjetividade parecia ficar negligenciado no método tradicional da palestra, diferentemente das rodas desenvolvidas nesta pesquisa, onde cada turma participante contava uma história totalmente nova em relação aos temas debatidos, enquanto a equipe profissional podia pontuar, explorar mais do discurso, fazer a palavra girar por todos, rompendo com o estigma de que o aluno é aquele que ouve de forma passiva.

Moura e Lima (2014), afirmam que ser sujeito é ter potencial para narrar histórias que foram construídas de forma coletiva, ainda que sozinho aquele que fala carrega uma construção cultural resultado do que se ouviu, vivenciou, das crenças, sonhos e medos. Embora paradoxal, enquanto espaço de fala a roda de conversa materializa-se muito mais como lugar de escuta, considerando a existência de várias fontes diferentes de contribuição na construção do tema discutido, o que exercita o esperar sua vez, a reflexão sobre outras perspectiva, a pró-atividade de expressar seu pensamento perante o outro, e a desconstrução e reconstrução de ideias e saberes. Características de grande valor para o ambiente educacional, devolvendo o lugar de protagonista aos alunos participantes.

**PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Sabendo do distanciamento existente nas palestras e da impossibilidade da livre escuta como anteriormente supracitado, o método da roda de conversa se fez necessário como responsável por estabelecer um vínculo transferencial entre a equipe profissional e os alunos participantes. Esta pesquisa tem um caráter qualitativo, que de acordo com Gunther (2006), atua sobre os fenômenos sociais e humanos sem quantifica-los para compreende-los. O que também concordam Moura e Lima (2014), que afirmam que as demonstrações de humanidades expressas nas rodas não são mensuráveis quantitativamente, mas estão aptas a escuta.

Foram desenvolvidas em duas escolas estaduais do município de Iracema durante a campanha do Setembro Amarelo, contemplando três rodas, duas na primeira escola nos turnos da manhã e tarde, e uma em outra escola no turno da noite. O convite para a participação aos alunos era feito pela coordenação escolar, sem indicações, permitindo que quem se interessasse pelo tema proposto se auto declarasse como participante. O formato de trabalho seguia a seguinte estrutura: acolhida dos alunos com apresentação dos profissionais e a proposta do tema que seria posteriormente debatido, pedia-se que sentassem no chão, em um círculo, onde todos pudessem se ver, e a equipe também fizia parte, e a música “Dia Especial” de Cidadão Quem na versão de Tiago Iorc era escutada.

Ao término da música, havia o elo de compromisso de sigilo com a fala do outro, considerando que durante a proposta deste trabalho solicitávamos a coordenação escolar que não houvessem professores na sala durante o desenvolvimento da atividade, para que eles pudessem sentir-se mais à vontade para falar livremente sobre o que desejassem, enquanto tinham seus discursos preservados. Desse modo conversávamos também com o grupo sobre a importância de ouvir e não reproduzir as falas dos colegas que seriam ali discutidas, respeitando e permitindo a abertura as discussões mais profundas.

 Em seguida as pautas disparadoras eram lançadas, e a partir daí a roda se tornava viva, com o giro da fala, discussão dos comentários, inserção de novos temas, e até algumas lágrimas. Ao fim do debate, passávamos pedaços de papel em branco e solicitávamos que de forma anônima o grupo escrevesse o que ficou daquele momento para eles, trazendo assim a oportunidade de quem não se sentia à vontade de declarar na roda suas ideias, pudesse se expressar de alguma maneira. Os papéis eram lidos aleatoriamente.

Faz-se importa destacar que o pesquisador inserido numa roda de conversa não é um estranho em um meio de estudo isolado, com todas as variáveis controladas e com um acervo de perguntas completamente estruturado, mas apenas mais um participante do diálogo, o que nos falam Moura e Lima (2014), o pesquisador que usa a roda de conversa como instrumento de atuação, contribui ativamente no espaço de dialogo enquanto coleta os dados.

**RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Em: Pedagogia do Oprimido de 1970, Paulo Freire discute como o processo de alfabetização desenvolvido por ele ocorria utilizando o que ele chama de “círculos de cultura”, que seria na prática os alfabetizandos em posição circular, onde todos pudessem se ver, dialogando sobre sua história social de forma coletiva, enquanto o educando pontua e articula quando necessário as discussões do grupo. Com isso Paulo Freire instigava os participantes a decodificarem palavras que eram parte do vocabulário dos participantes para que houvesse sucesso no processo de alfabetização, enquanto o debate sobre a história coletiva dos membros acontecia, trazendo todos os membros para uma posição de igualdade considerando que a roda horizontaliza o debate (Freire, 1970).

Com a base psicanalítica encontrada em Freud e o método circular cultural de Paulo Freire, este trabalho teve em seus resultados uma vivência fidedigna do potencial que as rodas de conversa tem para a educação, seja qual for o tema debatido. Toda a dinâmica da roda tinha uma função e um significado, como o silêncio, que intencionalmente era deixado pela equipe para que os alunos participantes pudessem se empoderar do espaço de fala e contar cada um ao seu modo qual a especificidade havia na história daquela roda.

Logo rompido, este silêncio poderia retornar em um momento de emoção, do qual os profissionais também eram contemplados, ou na dificuldade daquele aluno de declarar para todo o grupo suas ideias e sentimentos, receio que articulamos utilizando os papéis em branco que eram distribuídos ao final do momento, para que mesmo que de forma anônima, todos pudesse participar do debate.

As rodas de conversa duraram uma média de duas horas e meia, e não havia uma sensação de que já se fazia tanto tempo que se estava ali, havendo sempre aos encerramentos vários pedidos de que a equipe pudesse retornar e promover aquele momento novamente. A coordenação escolar também recebeu contato de familiares que parabenizavam o momento a partir da satisfação dos seus filhos, e demandavam mais momentos como aquele.

As rodas de conversas possibilitam encontros dialógicos, criando possibilidades de produção e ressignificação de sentido – saberes – sobre as experiências dos partícipes. Sua escolha se baseia na horizontalização das relações de poder. Os sujeitos que as compõem se implicam, dialeticamente, como atores históricos e sociais críticos e reflexivos diante da realidade. Dissolve-se a figura do mestre como centro do processo, e emerge a fala como signo de valores, normas, cultura, práticas e discurso. Portanto, na roda, a fala é compreendida como expressão de modos de vida (SAMPAIO, SANTOS e AGOSTINI, 2014, p.1301).

Todo sujeito é cultura, e toda cultura é história. O momento de grande exigência social sobre o jovem inserido na educação pública do Brasil, o consumismo exacerbado imposto pelo modo capitalista que vigora, o tabu que ainda permeia as famílias sobre buscar ajuda especializada, a falta de informação e a ausência de profissionais a disposição do âmbito educacional, equacionam no crescimento de eventos relacionados aos machucados autoprovocados, crises ansiosas persistentes e ideações suicidas no meio educacional. Enquanto profissionais, como lidar com isso?

 Será que uma palestra de sessenta minutos automatizada e com temas pré-definidos pela equipe daria conta de acolher de forma fidedignas estes alunos? A base teórica e a experiência vivenciada indicam que não, o começo de tudo acontece quando se pode minimamente ouvir este jovem, conhece-lo. O lugar de suposto saber que a academia proporciona é um risco, um lugar confortável e distante da comunidade assistida, que precisa ser problematizado. Existem outros meios de atuar sobre a saúde mental, a horizontalização das relações é com certeza o começo.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O modelo social do qual fazemos parte instituiu um ideal de cuidado onde o sofrimento por parte do corpo mereceria atenção, e as demandas de saúde mental poderiam esperar. Durante muito tempo vivenciou-se o crescimento dos diagnósticos e a expansão da indústria farmacêutica, tamponando as expressões de sintomas psíquicos com dosagens dos mais diversos fármacos existentes. Logo, se era possível medicar o sintoma de ordem mental, por quê discuti-lo, estuda-lo, problematiza-lo? Consequentemente a ascendência do sofrimento mental em todas as faixas etárias e classes sociais não pôde ser evitada.

Pensando sobre isso, concluiu-se que os métodos de debate sobre os temas referentes ao cuidado em saúde mental ainda acomodavam-se sobre um lugar confortável de saber, falando muito e ouvindo pouco. Uma herança evidente do contexto de saúde que vigorou outrora. O ambiente educacional antes de tudo é um lugar de libertação, como afirmava Freire (1970), educar é tornar o sujeito protagonista de sua própria história. Portanto, é preciso apostar nos jovens e no seu saber, ouvindo e se fazendo presente, afastando-se dos métodos engessados de educação tradicional.

Incidências de machucados autoprovocados e tentativas de suicídio só podem ser compreendidas através de uma escuta que se aproxime da história daqueles alunos, do momento que estão vivenciando, de sua dinâmica familiar, da relação com os docentes e com a coordenação escolar, viabilizando o desenvolvimento de ações que possam reduzir tais fenômenos. Nos discursos compartilhados nas rodas de conversa, havia uma opinião em comum dentre todos os grupos, de que o Setembro Amarelo resumia a discussão apenas à um mês, e esquecia os diversos eventos que ocorriam durante o ano.

Nos locais onde o trabalho foi desenvolvido havia apenas um profissional de psicologia que fazia a cobertura, entretanto o mesmo era responsável por acompanhar toda as escolas que compunham aquela região, tendo um contrato de apenas vintes horas para cumprir. A partir disso e do veto da lei 3688/2000, os ambientes educacionais encontram-se em um momento de rever suas políticas internas para que se possa minimamente repensar o lidar com este jovem enquanto rede de apoio, sabendo acolher, orientar, e como encaminhar para os setores especializados.

Sofrimento psíquicos não esperam, não dão trégua, e enquanto não ressignificarmos nossa interpretação sobre ele, continuaremos em círculos questionando como eventos que saltam aos olhos podem vir acontecer ao nosso lado, sem que se possa fazer nada sobre. A verdade é que se pode, desde que haja investimento humano, conhecimento e proximidade com a rede de saúde local. É preciso discutir o sujeito bio-psíquico-social com a participação dele, tornando as relações discentes-instituições, mais sensíveis e parceiras, transformando a escola em um ambiente de construção viva e em constante transformação.

**REFERÊNCIAS**

AMARELO, Setembro. **Setembro Amarelo**. Setembro 2019. Disponível em:

<<https://www.setembroamarelo.org.br/>>. Acesso em: 10 out. 2019.

DEPUTADOS, Câmara. **PL 3688/2000:** Projetos de Lei e Outras Proposições. Out. 2019. Disponível em:

<<https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=20050&fichaAmigavel=nao>>. Acesso em: 10 out. 2019.

FREUD, S. **O Eu e o Id, “Autobiografia” e Outros Textos**. XVI v. São Paulo: Companhia das Letras, 1925.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

GÜNTHER, H. **Pesquisa Qualitativa Versus Pesquisa Quantitativa:** Esta É a Questão? Brasília: Psicologia Teoria e Pesquisa, v. 22 n. 2, p. 201-210, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v22n2/a10v22n2>.

MOURA, A, B; LIMA, M, G. **A REINVENÇÃO DA RODA: RODA DE CONVERSA, UM INSTRUMENTO METODOLÓGICO POSSÍVEL.** Paranaíba, v. 5 n. 15 p. 24-35. 2014.

SAMPAIO, Juliana et al **. Limites e potencialidades das rodas de conversa no cuidado em saúde:** uma experiência com jovens no sertão pernambucano. Interface (Botucatu), Botucatu, v. 18, supl. 2, p.1299-1311, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S1414-32832014000601299&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 Out. 2019.